

DESGARRAMENTO INERENTEMENTE PRAGMÁTICO, CONTEXTUAL E COTEXTUAL

Propusemos essas subcategorizações para o fenômeno, adaptando a distinção entre cotexto e contexto de Travaglia (1996, p. 70-85), Dahlet (2006, p. 103-107) e Bybee (2010) em que os linguistas caracterizam o contexto como se referindo aos aspectos extralinguísticos e cotexto aos aspectos estritamente linguísticos, embora saibamos que nem sempre tal separação seja fácil de ser feita.

Portanto, as principais diferenças em relação à proposta de Decat (1999, 2011) residem na especificidade da cláusula desgarrada em relação aos cotextos e contextos de uso(s) e na descrição das completivas. Muitas vezes, não há nenhuma materialização linguística antes dela, outras vezes, há, de alguma maneira, uma relação com uma porção de texto anterior e/ou parte da desgarrada (ou com um constituinte em particular) e, ainda, há casos em que os elementos extralinguísticos ajudam no estabelecimento da comunicação/interação. Vejamos, então, exemplos da análise proposta por Rodrigues (2019):

Exemplo 10:

Quadro 1



Do ponto de vista da linguagem verbal utilizada no quadro 1, temos a cláusula desgarrada *Que os dias felizes sejam mais longos*, que é iniciada por *que* e na qual não se verifica nenhum constituinte verbal para a estrutura se integrar, mas, no entanto, podemos inferir a ideia de desejo, vontade, segundo nosso conhecimento compartilhado de mundo. Isto ocorre porque, mesmo não havendo uma cláusula antes da desgarrada e nem o uso de um sinal de pontuação convencional separando-a de outra cláusula, o que atribui o *status* de desgarrada à informação pretendida é a possibilidade de inferirmos uma cláusula antes dela, que poderia ser *Eu desejo, eu espero...* Esse tipo de cláusula configura o que denominamos desgarrada inerentemente pragmática, aquela que funciona como uma unidade informacional totalmente desvinculada de uma cláusula nuclear. Até porque nem existe a cláusula núcleo nesse caso. A noção de inferência aqui adotada se refere aos significados que o ouvinte recolhe do enunciado, muito embora eles possam não estar diretamente expressos (cf. BYBEE, 2010, p. 58).

Muito frequentemente o significado é fornecido pelos contextos nos quais uma construção ocorre com frequência, levando à mudança. Palavras e construções que são usadas em determinados contextos tornam-se associadas a esses contextos. Se “what’s up?” ocorre frequentemente como a primeira expressão quando as pessoas se encontram, torna-se uma saudação e não requer mais uma resposta literal. Os ouvintes fazem inferências a partir do contexto em que as construções ocorrem, e essas inferências podem se tornar parte do significado da construção. (BYBEE, 2015, p. 10)¹

¹ The other major factor in language change is the way words or pattern of language are used in context. Very often the meaning supplied by frequently occurring contexts can lead to

No próximo exemplo, ilustramos uma desgarrada contextual, na qual se verifica uma relação da linguagem verbal com a não verbal:

Exemplo 11:

Postagem 4



Fonte: minha própria *timeline* do *Facebook*

Na postagem 4, a cláusula desgarrada *Que a noite seja de descanso e paz* tem seu sentido reforçado pela imagem de uma criança dormindo abraçada com seu bichinho de pelúcia.

Já o desgarramento cotextual é aquele em que o escrevente se vale de material linguístico anteriormente expresso para a atribuição de sentidos e que, portanto, não extrapolam o nível linguístico. Esta possibilidade é exemplificada a seguir:

Exemplo 12:

change. Words and constructions that are used in certain contexts became associated with those contexts. If *what's up?* occurs frequently as the first utterance when people meet one another, it becomes a greeting and no longer requires a literal answer. Listeners make inferences from the context in which constructions occur, and these inferences can become part of the meaning of the construction. (BYBEE, 2015, p. 10)

Postagem 5



Fonte: minha própria *timeline* do *Facebook*

Na postagem 5 é usada a completiva desgarrada *Que venha lindo...* Pelo contexto (linguagem verbal) é que se evidencia a relação da desgarrada com o mês de *setembro*, que se espera seja lindo e abençoado.

As análises revisitadas permitem-nos afirmar que cláusulas hipotáticas (circunstanciais e relativas apositivas) e completivas se materializam desgarradas. No que tange às completivas desgarradas, além do caso apontado por Decat (1999, 2011), há o caso não previsto por ela – o das inerentemente pragmáticas como *Que seu anjo da guarda te proteja*. – muito parecido com o exemplo do *corpus* da autora *Se eu ganhasse na Mega Sena*, ambas unidades informacionais, totalmente soltas, desvinculadas sintaticamente de sua suposta cláusula núcleo (principal), mas que podem ser inferidas por falantes de mesmo conhecimento partilhado de mundo e, claro, numa situação comunicativa e/ou interativa específica. A noção de inferência a seguir reforça ainda mais nossa proposta.

Segundo Martelotta (2011, p. 83),

[...] falante e ouvinte negociam sentido de maneira interativa, ou seja, o emissor, ao exercer o seu turno comunicativo, sugere que o receptor infra novos sentidos, trabalhando com dados contextuais específicos daquela situação de comunicação. Essa inferência ou implicatura pode ser meramente conversacional, ou seja, pode se manter naquele contexto de ambiguidade. Por outro lado, essa inferência pode se tornar convencional, ou seja, pode se generalizar incorporando-se às construções disponíveis no sistema, o que ocorre com a adoção definitiva do novo sentido e a extensão para contextos de uso mais gerais. (MARTELOTTA, 2011, p. 83)

A hipótese que Rodrigues (2019) desejava comprovar com esse trabalho, por meio de *corpora* compostos por mensagens de rede social, era a de que havia uma tendência de as completivas serem inerentemente pragmáticas e de as relativas apositivas serem cotextuais. Já as circunstanciais tanto se materializariam na forma inerentemente pragmática como contextual ou cotextual.

Os resultados da análise do *corpus* de Rodrigues (2019) evidenciaram um equilíbrio na frequência *token* das completivas inerentemente pragmáticas e cotextuais com 133 ocorrências cada uma, totalizando 266, e 80 ocorrências de contextuais.

